

## **A FORMAÇÃO EM PSICOTERAPIA PSICANALÍTICA DE CASAL: PERSPECTIVA DE DISCENTES DE GRADUAÇÃO**

*Eloísa Carlucci Gouveia*

*Maíra Bonafé Sei*

Universidade Estadual de Londrina, Londrina-PR, Brasil

### **RESUMO**

Objetivou-se investigar como estudantes vivenciaram o atendimento psicanalítico de casal. Trata-se de um estudo qualitativo, de caráter exploratório, empreendido por meio de entrevistas com discentes de graduação que atuavam como psicoterapeutas de casal em um projeto de extensão. Os dados foram organizados nas seguintes categorias: questões gerais sobre a formação e papel da teoria psicanalítica, lugar da supervisão, análise pessoal, aspectos que permeiam a psicoterapia de casal e especificidades do atendimento *on-line*. Observa-se que a formação para a psicoterapia de casal aproxima-se dos pressupostos adotados na psicoterapia psicanalítica individual. Diferencia-se por focalizar o vínculo conjugal, algo a ser contemplado na supervisão e psicoterapia pessoal. Quanto ao *setting on-line*, a despeito dos limites impostos pelas telas, foram destacados pontos positivos nesta modalidade.

**Palavras-Chave:** Psicoterapia On-line; Psicoterapia de casal; Formação do psicólogo; Clínica psicanalítica.

### **TRAINING IN PSYCHOANALYTIC COUPLE PSYCHOTHERAPY: PERSPECTIVE OF UNDERGRADUATE STUDENTS**

### **ABSTRACT**

The aim was to investigate how students experienced the psychoanalytic treatment of couples. This is a qualitative, exploratory study, carried out through interviews with undergraduate students who worked as couple psychotherapists in an extension project. Data were organized into the following categories: general questions about the formation and role of psychoanalytic theory, place of supervision, personal analysis, aspects that permeate couple psychotherapy and specificities of online service. It is observed that training for couple psychotherapy is close to the assumptions adopted in individual psychotherapy. It differs by focusing on the marital bond, something to be considered in supervision and personal psychotherapy. Regarding the online setting, despite the limits imposed by the screens, positive points were highlighted in this modality.

**Keywords:** Online Psychotherapy; Couple psychotherapy; Psychologist training; Psychoanalytic clinic.

## FORMACIÓN EN PSICOTERAPIA PSICOANALÍTICA DE PAREJA: PERSPECTIVA DE ESTUDIANTES DE PREGRADO

### RESUMEN

El objetivo fue investigar cómo los estudiantes vivieron el tratamiento psicoanalítico de pareja. Se trata de un estudio cualitativo, exploratorio, realizado a través de entrevistas con estudiantes de pregrado que actuaban como psicoterapeutas de pareja en un proyecto de extensión. Los datos fueron organizados en las siguientes categorías: preguntas generales sobre la formación y el papel de la teoría psicoanalítica, lugar de la supervisión, análisis personal, aspectos que permean la psicoterapia de pareja y especificidades del servicio en línea. Se observa que la formación para la psicoterapia de pareja se acerca a los supuestos adoptados en la psicoterapia individual. Se diferencia por centrarse en el vínculo conyugal, algo a considerar en la supervisión y psicoterapia personal. En cuanto a la ambientación online, a pesar de los límites que imponen las pantallas, se destacaron puntos positivos en esta modalidad.

**Palabras Clave:** Psicoterapia en línea; Psicoterapia de pareja; Formación de psicólogos; Clínica psicoanalítica.

A formação clínica em Psicanálise tem como referência um modelo de ensino baseado no tripé analítico constituído pela análise pessoal, estudo da teoria e supervisão clínica. Freud, ao longo de seus escritos técnicos compreendidos de 1890 até 1937, disserta sobre esses três pilares (Gomes, 2009). A análise pessoal constitui-se como um tipo de saber para além do ensino teórico, sendo também a base para o exercício do analista. Ela se mostra como o elemento que garante o cumprimento dessa condição psicológica e onde é constituído o lugar de encontro com os efeitos do inconsciente (Freud, 1912/1996).

O estudo da teoria também é condição para a formação do analista, dado que expande o olhar crítico e proporciona uma apropriação intelectual acerca do estudo psicanalítico (Ferraz, 2014). Já a supervisão faz a função do analista em formação pensar tanto na sua própria análise – quando questões pessoais atravessam a escuta analítica, quanto no estudo teórico – quando há alguma dificuldade na condução do tratamento referente à teoria (Jorge, 2017).

Freud resalta o papel fundamental do tipo de formação necessário para exercer a Psicanálise e discorre sobre a criação dos primeiros institutos de formação na área. Aponta-se, assim, para a fundação do Instituto de Psicanálise de Berlim, em 1926, que se tornou o primeiro modelo (Eitingon) a partir do qual realmente fica estabelecido o famoso tripé: análise didática, supervisão e seminários teóricos (Tanis, 2018).

No curso de Psicologia, há grande influência do modelo dos Institutos de Psicanálise na formação clínica do aluno (Gomes, 2009). A capacitação no campo da Psicanálise nas universidades não promove seu efetivo exercício, mas pode oferecer alguns aprendizados (Freud, 1919/2010). A teoria é um dos elementos que constituem a formação psicanalítica e que pode ser contemplada na universidade, mas – para Freud (1919/2010) – assim como o estudante de Medicina não sai da formação universitária equipado para ser um cirurgião, o estudante de Psicanálise precisa de outros aparatos para além da academia. Ele aprende com sua análise pessoal e com a experiência prática adquirida na supervisão com psicanalistas que passaram, eles próprios, pelo processo de formação estabelecido pelos institutos.

Para Cordeiro et al. (2021), a Psicanálise se estabelece como um novo campo de saber, não objetável e que reconhece a importância e a interferência dos processos mentais inconscientes. Isso é destoante do que era postulado como conhecimentos até então, dado o próprio objeto de estudo e o método utilizado para a sua análise, por isso existe o obstáculo na

inserção do conhecimento e do método psicanalítico dentro do conhecimento sustentado no cenário universitário.

Essas considerações centram-se no exercício da clínica psicanalítica individual, havendo especificidades nos atendimentos a grupos, casais e famílias. Em tais enquadres, tem-se múltiplos participantes em uma mesma sessão, exigindo do psicoterapeuta a escuta de vários indivíduos e atenção às transferências inter cruzadas (Correa, 2000). Além disso, casais e famílias configuram-se como indivíduos que possuem uma vinculação para além do *setting* clínico, fato que amplia a complexidade deste tipo de atendimento. Talvez, por isso, observa-se que a oferta de formação para a psicoterapia de casais e famílias no âmbito da graduação em Psicologia é escassa e geralmente não ocorre atrelada a disciplinas e estágios presentes na grade curricular. Assim, os projetos de ensino, pesquisa e extensão podem favorecer a realização dessa prática, enriquecendo a formação do profissional (Sei & Zanetti, 2014).

Acredita-se que a clínica de casais e famílias demanda maior atenção aos mecanismos transferenciais e contratransferenciais, entendimento da real demanda pelo tratamento, compreensão e interpretação dos processos do mundo interno e externo do casal (Gomes, 2009). Deve-se levar em consideração não só os aparelhos psíquicos individuais de cada membro, como também as dinâmicas e funcionamentos psíquicos que ocorrem por meio da formação do vínculo e precisam ser identificadas pelo terapeuta (Zanetti & Gomes, 2016).

O surgimento da pandemia da COVID-19 demandou a realização de mudanças no campo da formação do psicólogo, haja vista que as atividades presenciais foram suspensas. No que se refere à atuação profissional, o psicólogo já poderia realizar intervenções psicológicas *on-line* (Resolução nº 11, 2018), necessitando ter aprovado seu cadastro no e-Psi, onde informa itens como: práticas psicológicas realizadas, tipo empregado de tecnologia, estratégia utilizada para preservação do sigilo. Com a pandemia, houve uma liberação para que o psicólogo pudesse iniciar a prática profissional de forma *on-line* antes da aprovação do cadastro no e-Psi (Resolução nº 4, 2020).

Gradualmente, estudos teóricos foram retomados por meio de tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs) e, posteriormente, houve uma liberação para que estudantes pudessem também conduzir práticas e estágios remotamente (Conselho Federal de Psicologia, 2020). Assim, além das especificidades e da complexidade no que diz respeito ao atendimento de casais e famílias, somou-se, com a pandemia da COVID-19, a necessidade de realizá-lo remotamente.

Percebe-se que a psicoterapia empreendida por meio das TDICs apresenta especificidades tanto para os terapeutas quanto para os pacientes. O *setting* terapêutico e as condições para o atendimento ser realizado sofreram adaptações, devido ao caráter *on-line* da sessão. A organização do espaço terapêutico passou a ser efetuada também pelos próprios pacientes (Silva et al., 2020). Essa condição gerou alguns efeitos específicos, como a alteração do *setting* em condições diferentes – o casal poderia estar no mesmo ambiente durante a sessão, em ambientes separados, na mesma tela ou cada um em um dispositivo – e situações durante o atendimento como a entrada de outras pessoas e interrupção da sessão (Borcsa & Pomini, 2018).

O vínculo permanece, visto que os pacientes atendidos *on-line* se implicam do mesmo modo como os atendidos presencialmente (Magalhães et al., 2019). Nota-se que o sucesso do processo terapêutico está mais relacionado com a habilidade do psicólogo e a motivação do paciente do que com o aparelho tecnológico mediador dos atendimentos.

Na literatura encontram-se autores debatendo as vantagens e desvantagens da psicoterapia *on-line*. Entre as dificuldades, apontam para as falhas das percepções não verbais, a dificuldade de distinguir os silêncios, as pausas, a entonação da voz dos pacientes, as complicações de conexão com internet e a limitação de alguns pacientes quanto às habilidades

tecnológicas com as ferramentas utilizadas (Pinto, 2002). Também é discutida a perda de elementos no campo visual, a falta de acesso a indicações corpóreas (Dias, 2020) e a ausência de controle do que está acontecendo à volta do paciente (Pinhatti, 2013).

Em relação às vantagens dos atendimentos virtuais, destacam-se a facilidade para pessoas inibidas em função de tempo e espaço físico (Pinhatti, 2013), minimização da distância geográfica do casal, conciliação de horário de familiares e terapeuta e acesso a conteúdos que presencialmente seriam mais inibitórios (Dias, 2020). Considera-se que a escuta é viável em ambas as modalidades de atendimento por preservar a copresença e as técnicas como associação livre, atenção flutuante e processos transferenciais e contratransferenciais (Dias, 2020).

Tendo em vista este panorama, objetivou-se investigar a perspectiva de discentes acerca da formação no campo da psicoterapia psicanalítica de casal, a partir da experiência em um projeto de extensão, vinculado a uma universidade pública paranaense.

## MÉTODO

### TIPO DE ESTUDO

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, baseada em um referencial teórico psicanalítico, empreendida por meio de entrevistas. Busca-se significar ou dar sentido ao comportamento e às práticas, sem almejar a generalização de resultados (Turato, 2005).

### PARTICIPANTES

Participaram da pesquisa cinco discentes de Psicologia, entre 22 e 25 anos de idade, de ambos os gêneros, colaboradores de um projeto de extensão destinado à psicoterapia psicanalítica de casal, intitulados como P1, P2, P3, P4 e P5. Foi composta uma amostra por conveniência, com a escolha dos participantes tendo ocorrido de forma proposital ao selecionar indivíduos que vivenciaram determinada situação (Turato, 2005).

Os critérios de inclusão foram estudantes que atuaram como psicoterapeutas *on-line* de casal e que participavam das supervisões grupais. Os critérios de exclusão abrangeram psicoterapeutas já graduados ou estudantes com formação em nível superior prévia, visto que tal experiência poderia reverberar em uma visão diferenciada acerca da experiência analisada. O fechamento amostral deu-se pelo critério de exaustão, ao se entrevistar todos os discentes que se encaixavam no critério de inclusão (Fontanella et al., 2008).

### PROCEDIMENTO

Para realização da coleta de dados, foi delineado um roteiro semidirigido de entrevista, tendo sido realizada uma entrevista piloto com um profissional que não se encaixava nos critérios de inclusão, material este não considerado na análise dos dados. Após esse momento prévio, foram convidados todos os participantes que atendiam aos critérios de inclusão. As entrevistas foram gravadas e as falas transcritas, tendo sido realizadas pela primeira autora deste estudo. Ocorreram de forma *on-line*, por meio de videochamadas com o *Google Meet*. Quanto à análise dos dados, optou-se por uma análise de conteúdo temática, com categorias construídas de forma apriorística, situação na qual “o pesquisador de antemão já possui, segundo, experiência prévia ou interesses, categorias pré-definidas” (Campos, 2004, p. 614). Como vantagem aponta-se para o balizamento advindo de tal procedimento, a despeito do engessamento que porventura possa existir no caso de novos conteúdos (Campos, 2004). Destarte, no caso desta pesquisa, tomou-se como base na literatura acerca da formação

psicanalítica, tendo-se adicionado duas categorias referentes por um lado às especificidades da psicoterapia de casal e, por outro, ao atendimento realizado de forma *on-line*.

#### ASPECTOS ÉTICOS

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina, CAAE 50947521.9.0000.5231, parecer nº 5.040.422. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

#### RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados coletados foram organizados a partir de cinco categorias: 1) questões gerais sobre a formação e o papel da teoria psicanalítica, 2) lugar da supervisão, 3) análise pessoal, 4) aspectos que permeiam a psicoterapia de casal e, por fim, 5) especificidades do atendimento *on-line*.

##### QUESTÕES GERAIS SOBRE A FORMAÇÃO E O PAPEL DA TEORIA PSICANALÍTICA

Sobre a formação para a clínica psicanalítica de casais, percebe-se que há uma escassa oferta na grade curricular dos cursos de graduação em Psicologia, com a capacitação podendo ocorrer por meio de projetos de extensão (Sei, 2017). Desta forma, nem todos os estudantes realizam estudos teóricos ou atuam como psicoterapeuta de casais durante a graduação, tal como assinalado por P3: “Então, tem sido muito rico e eu acho que é um diferencial muito grande assim porque eu vejo que muitos dos meus colegas de curso não tiveram esse tipo de oportunidade.” (P3)

Vale ressaltar que, tendo em vista as particularidades desse tipo de intervenção clínica, haja vista a diferença do público atendido em comparação com o que é oferecido usualmente em estágios obrigatórios que compõem a grade curricular, entende-se haver maior complexidade na psicoterapia psicanalítica de casal (Almeida et al., 2016). O psicoterapeuta deve manejar uma sessão na qual estão presentes duas pessoas, cujo vínculo transcende o encontro terapêutico, sendo relevante ter em mente conceitos psicanalíticos concernentes ao vínculo, às alianças inconscientes e à transmissão psíquica geracional. A importância da teoria para a formação é destacada por P2.

Eu preciso estudar mais sobre terapia de casal, sobre vínculo, sobre transgeracionalidade, mas foi muito importante também conseguir... pra fazer todo esse link, pra conseguir prestar um bom atendimento, é uma coisa que a gente não tem na faculdade, na grade curricular obrigatória. (P2)

Ressalta-se que o foco do projeto recai na realização de atendimentos clínicos e supervisão dos casos. Entretanto, com o intuito de se atentar à formação teórica, foram organizados cursos de extensão e ciclos de palestras com convidados, quando se discorreu sobre a teoria e a clínica psicanalítica de casal e família. Além disso, propôs-se a abordagem do conteúdo teórico sobre psicoterapia de casal também por meio da leitura de textos e discussões temáticas com colaboradores e coordenação do projeto de extensão (Sei, 2017). Os participantes sinalizaram, assim, como a teoria se mostrou importante para sustentar a prática desenvolvida. “A teoria é muito importante, principalmente uma teoria básica, pra pessoa não chegar sem saber o que tá fazendo e como fazer o manejo básico... A teoria vem pra dar base depois pra tudo isso.” (P4)

Tendo em vista se tratar de um projeto de extensão, o foco estava na prática psicoterapêutica. Pensa-se que ela é fundamental para a formação do psicólogo clínico, sendo

que as falas apontam para a importância da experiência proporcionada pelo atendimento aos casais. A participação na atividade abrangeu aspectos não contemplados nas grades curriculares, sendo que a prática - tida como eixo estruturante - viabiliza a aprendizagem do estudante em uma situação real com o paciente e potencializa a inserção do discente de graduação em um ensino fundado na aprendizagem ativa (Abdalla et al., 2008).

#### LUGAR DA SUPERVISÃO

A supervisão desempenha um papel essencial na formação do psicoterapeuta (Dominicis & Bartilotti, 2022) e, no projeto investigado, ela ocorre sempre na modalidade grupal. A partir das entrevistas realizadas, foram levantadas várias funções que a supervisão grupal cumpre durante esse processo de formação. Como P2 argumenta, tem-se um crescimento conjunto entre o grupo de pares.

Eu acho que isso é muito potente assim da supervisão, de você conseguir ver que outra pessoa evolui, que outra pessoa tem a mesma dificuldade que você ... ou ver que tem outra demanda parecida e você consegue pegar também manejos né, que nem eram do seu caso, mas que depois você pode usar porque você conseguiu identificar que tem algo ali que é parecido, que pode ser usado. (P2)

Foi demarcada a riqueza existente na troca de percepções, informações e experiências, a segurança gerada nesse espaço, a identificação com os colegas, o aprendizado sobre o manejo clínico por meio da troca e do desenvolvimento de um raciocínio clínico.

Eu acho que esse atravessamento é bem legal e algo que eu gosto também, quando eu vou fazer supervisão, de receber. Então uma coisa às vezes que passa despercebido sabe, e que outra pessoa ouvindo vai lá e pensa, e te completa e eu fazer isso também. Eu achava legal, é quase uma, é uma parte da análise dois assim, a supervisão. A gente vai olhar de novo, só que olhar de cima. (P1)

Então eu levo um pouco de mim, da minha opinião, das minhas experiências pra ver se auxilia a pessoa a pensar diferente às vezes, a sair às vezes da caixinha. E eu pego muito pra mim também, do que que eu posso mudar, do que que eu posso fazer de diferente, de me identificar enquanto, nossa sim, eu me sinto exatamente como essa pessoa tá falando, eu acho que é um pouco disso. (P4)

A partir das opiniões dos entrevistados, é possível observar os ganhos alcançados durante a supervisão grupal, haja vista o compartilhamento de experiências e as identificações de sensações (Sei & Paiva, 2011). O aprendizado a partir da experiência dos demais colegas de supervisão, desenvolvendo um olhar clínico é ressaltado por P2. “Eu consigo pensar pensamento clínico, raciocínio clínico né, que eu acho que a supervisão ajuda a construir assim, como ouvinte e como supervisionada também.” (P2)

Aguirre (2000) defende que o apoio e acolhimento do supervisor e dos colegas durante as supervisões são importantes e contribuem para uma experiência mais reconfortante e transparente. O vínculo entre supervisionando e supervisor é essencial para a configuração de um ambiente acolhedor e confiável, reverberando tanto na conduta da atividade clínica, quanto na própria supervisão (Dominicis & Bartilotti, 2022). As supervisões grupais são ricas pela diversidade de materiais clínicos envolvidos, pela percepção e interpretação do que não foi muito bem compreendido em sessão e pelo compartilhamento das experiências clínicas de casos singulares (Gomes, 2009).

A supervisão também você vai se tornando mais independente assim. Tanto que nos meus primeiros meses de atendimento, tudo que eu fazia queria a opinião do meu supervisor, tal e hoje em dia tem coisa que eu já sei que é meu estilo, não tá certo ou errado, que é o meu estilo, o que eu posso ou não posso fazer e outras coisas que daí eu levo pra supervisão assim. Não que ela perca a importância, mas acho que perde um pouco a dependência. (P4)

A partir das falas acima e do que é trazido por Sei e Paiva (2011), a supervisão também se apresenta como um espaço de *holding*, respeito, acolhimento e empatia, de maneira que, futuramente, o estagiário dependa menos do supervisor, desenvolva um pensamento autônomo e criativo rumo à independência profissional. P2 aponta, assim, para a função do supervisor de favorecer o processo rumo à independência do psicoterapeuta. “Mas eu acho que é mais reafirmar que você é capaz de tá ali né, que você consegue dar continuidade a isso, que é muito o papel do supervisor também.” (P2)

Uma de suas funções é transmitir conhecimento e prática com o objetivo de que o psicoterapeuta em formação perceba suas próprias dificuldades e adquira base para desenvolver um estilo de atendimento próprio, como citado por um dos entrevistados, e se distancie da pura reprodução do que é ensinado a ele (Dominicis & Bartilotti, 2022). O espaço da supervisão mostra-se como um suporte para o entendimento das angústias do terapeuta em formação que proporciona o desenvolvimento do raciocínio analítico e a ampliação da percepção do aluno sobre si próprio e sobre os pacientes (Gomes, 2009). Conforme é trazido por um dos participantes:

A supervisão é o mais importante assim, nesse esquema, porque ela ajuda meio que a casar tudo né, eu sinto. Ela ajuda você ver onde estão suas questões, como você se orienta dentro da teoria para trabalhar com o casal, né, como você atua de forma prática ali né, que que você pode usar com o casal de fato. (P3)

Nesse sentido, é possível entender como o supervisor pode articular o conhecimento teórico com a experiência prática, os conflitos e questões suscitadas durante essa prática (Sei & Paiva, 2011). A supervisão se torna uma forma de sustentação quanto às variáveis que permeiam o processo, momento no qual são feitos apontamentos necessários a cada caso. A contribuição do supervisor é essencial para que o estudante discrimine as questões, entenda aspectos contratransferenciais, não se confunda com o outro, se coloque no lugar desse outro e tenha empatia, desenvolvendo assim, sua própria atitude clínica (Aguirre, 2000).

#### ANÁLISE PESSOAL

Entende-se que a análise pessoal de quem se propõe a exercer a clínica psicanalítica é de extrema importância, algo que diferencia, inclusive, a formação que se oferece no contexto universitário daquela que ocorre nos institutos de formação psicanalítica (Gomes, 2009). A partir das entrevistas, notou-se que os estudantes entendem a análise como um processo de separação entre as questões pessoais e do próprio casal, sendo um caminho para lidar com a contratransferência e com as inseguranças, evidenciados pelas falas a seguir. “Pra nossa formação é uma das coisas mais importantes assim.” (P4)

Se por um lado, P4 sinaliza a importância geral que a psicoterapia desempenha para o psicoterapeuta, P2 aponta para as reflexões sobre os vínculos que a pessoa estabelece. Na psicoterapia pessoa, o psicoterapeuta pode retomar situações de sua própria história familiar, dos relacionamentos que estabelece e identificações suscitadas a partir do atendimento.

Pra lidar com a contratransferência, porque atender casal mexe muito com a gente, porque gera identificações né. A gente pensa nos nossos vínculos, a gente pensa com quem a gente se relaciona... A terapia individual ajudou muito a lidar com as inseguranças de fazer algo que eu não sabia fazer, e que eu estava começando assim. (P2)

A análise pessoal também auxilia o psicoterapeuta em sua responsabilidade de lidar com questões pessoais com o intuito de distanciar seus desejos, suas emoções e lembranças durante as sessões, como indicado por P3. “A terapia me ajudou muito a saber o que que é meu, o que que é do outro né, ali, e tentar barrar as minhas coisas de entrarem sempre.” (P3)

Evita-se uma possível influência negativa durante o tratamento e faz-se uma separação entre os conteúdos individuais do psicoterapeuta daqueles advindos do paciente (Faleiros, 2004; Souza & Teixeira 2004). Quanto ao psicoterapeuta de casal, especificamente, ele pode acabar se mobilizando devido à dinâmica de seu grupo familiar interno, de forma inconsciente, sendo necessário discriminar tais questões por meio de sua própria análise (Correa, 1992).

A análise pessoal se configura como a experiência mais próxima que o terapeuta em formação tem, um modelo para sua própria atuação profissional (Aguirre, 2000). Entende-se que é difícil ter uma experiência prévia como paciente de uma psicoterapia de casal, mas o próprio processo terapêutico individual já contribui para o exercício desta modalidade clínica, por se configurar como uma forma de se conhecer e se apropriar mais explicitamente de sua história (Machado et al., 2016).

Trata-se de uma pesquisa empreendida após o início da pandemia da COVID-19. Assim, a psicoterapia de casal foi conduzida de forma on-line pelos discentes, além da análise pessoal deles também ter frequentemente ocorrido por meio desse enquadre.

Eu sentia que sempre ficava um vazio assim, porque, pra mim, o ritual de eu ir até a terapia, a salinha de espera, o cheirinho que tem lá, a decoração, as plantinhas, o chazinho que eu pego, é... fazem muita diferença assim, pra eu me sentir protegida ali pra falar, enfim... Tipo, eu tenho muita facilidade em atender on-line, pra mim não foi uma questão isso, mas pra ser paciente on-line, eu tenho dificuldade. (P1)

Eu não queria fazer a minha terapia, que sempre foi algo que gostei, no modo on-line. Era quase que uma coisa de não vou ceder a esse ponto pra pandemia ... A parte de eu atender no on-line me ajudou a querer voltar, porque eu fui vendo que era possível. (P4)

Sobre o tema, indicaram haver diferenças entre o formato presencial, que incluía o ritual de ir até à psicoterapia e estar no lugar de paciente que realiza sua própria análise no formato on-line. Se por um lado havia a desvantagem de não contarem com o holding que o setting presencial poderia ofertar, por outro perceberam, ao conduzirem o processo psicoterapêutico, que a presença do terapeuta pode se dar de formas diferentes, com o acolhimento podendo ser ofertado de forma remota.

#### ASPECTOS QUE PERMEIAM A PSICOTERAPIA DE CASAL

Compreende-se que existem diferenças na estrutura e no manejo no cenário da psicoterapia de casal, com algumas dessas questões tendo sido referidas pelos entrevistados. No atendimento ao casal, o terapeuta ouve a versão dos acontecimentos a partir do ponto de vista das duas pessoas e essas perspectivas não necessariamente são correspondentes, sendo importante a posição de neutralidade e reflexão acerca do papel desempenhado na sessão.



Então cada um tem sua perspectiva do mesmo fato. É muito interessante você ter essa visão assim, que as duas pessoas trouxeram a mesma coisa, mas não falam da mesma forma, do mesmo fato que elas vivenciaram. (...) demanda muito mais da gente assim, de ser imparcial, de não tomar lado e de que, de saber quem é seu paciente, seu paciente é o vínculo que eles têm ... Se o vínculo rompe, as pessoas permanecem, mas a terapia não permanece mais, não tem mais o vínculo, mesmo tendo as pessoas. (P2)

A de casal não é só uma pessoa que tá ali né, na verdade nem são pessoas né. A partir disso, o manejo é do vínculo, é da relação. Nunca é só de um ou só de outro, como se eu fosse escutar um, fazer a pessoa se entender, escutar o outro e fazer ele se entender. Não, é o jogo das relações. (P1)

Como indicado pelos entrevistados, as dinâmicas e os funcionamentos psíquicos precisam ser considerados pelo terapeuta, para além dos aparelhos psíquicos de cada membro (Sei & Zanetti, 2014). O terapeuta também deve se atentar quanto à imparcialidade, para não gerar identificações com um dos sujeitos, haja vista que seu papel é apreender a dinâmica existente. A psicoterapia de casal deve ter como ponto central os aspectos relacionados à intersubjetividade, às relações estabelecidas entre os cônjuges (Sei, 2017).

O vínculo está relacionado com a ideia de mediação, de produção intersubjetiva entre sujeitos e de importância equivalente para cada ego constituinte da dupla (Sei & Zanetti, 2014). Ele é condição existente para psicoterapia de casal quando há uma disfunção referida a ele, às zonas compartilháveis entre o casal. Se os desconfortos se referirem a questões unicamente pessoais, a análise do casal deixa de ter sentido dando lugar para a individual (Berenstein & Puget, 1993).

Uma das participantes verbalizou: “Trabalhar com as duas pessoas ali, o casal, é muito potente, mas também é muito mais difícil” (P2). Essa fala representa como, na perspectiva do discente, este tipo de intervenção clínica implica em um desafio, demanda maior sensibilidade, com o intuito de melhor entendimento e de manejo para lidar com todos os integrantes na mesma sessão. Exige que o estudante lide com as diversas expectativas advindas de um enquadre grupal (Machado et al., 2016). Gomes (2009) aponta que o papel do psicoterapeuta de casal exige redobrada atenção aos mecanismos transferenciais e contratransferenciais, corroborando com a ideia de que essa modalidade de atendimento exige algo a mais do terapeuta.

#### ESPECIFICIDADES DO ATENDIMENTO ON-LINE

Com a pandemia, houve um redirecionamento dos atendimentos que passaram a, majoritariamente, ocorrer de forma on-line, não apenas no contexto individual, como também no cenário da psicoterapia de casal. Os psicoterapeutas de casais foram mais desafiados nesse cenário, pois requisitou um cuidado distinto em relação à escuta inicial, aos sinais não verbais mais sutis, e várias questões que antes não eram pensadas, à forma como o casal se apresenta e como ela pode ser utilizada para pensar sobre sua dinâmica, como se portar quando um dos membros se ausenta do ambiente ou quando há interferência de outras pessoas (Dominicis & Bartilotti, 2022).

Os entrevistados marcaram as várias implicações e diferenças no processo de mudança do atendimento presencial para o enquadre on-line. Discorreram sobre a mudança do setting terapêutico, que antes era a sala de atendimento da clínica psicológica e passou a ser uma imagem em uma tela de computador, e os impactos positivos e negativos percebidos. Apontam, assim, para a questão do enquadramento na tela, limitações de visão e observação do

comportamento, sensação de segurança existente, possibilidade de atendimento quando cada membro do casal estava em lugares distintos e também sobre as dificuldades tecnológicas.

A literatura questiona igualmente a flexibilidade do setting analítico e demarca questões relativas à possibilidade de manutenção dos princípios psicanalíticos como a associação livre, atenção flutuante, estabelecimento de relação transferencial, ocorrência de fenômenos como a resistência, além da oferta de holding. São assinalados ademais os possíveis impasses na percepção de comunicações não verbais, as falhas técnicas e problemáticas quanto à garantia de sigilo (Barbeiro & Reis, 2020).

Mas o que eu gostei do on-line é que trouxe muitas possibilidades pras pessoas, também, da rotina que é corrida. Então, às vezes você não faz terapia de casal porque, ah, o casal fica num canto, ou moram longe, tem um relacionamento à distância. (P2)

P2 pondera sobre a facilidade de acesso às sessões, minimizando o tempo dispendido no deslocamento até o local de atendimento ou permitindo o envolvimento na psicoterapia de casais que não vivem no mesmo local. Tal aspecto é igualmente indicado por P1, que aponta para a psicoterapia como um objetivo em comum que o casal pode passar a ter.

No caso do casal tá em lugares diferentes também, isso facilita, ... mas aí é outro dado né, porque aí eles não se juntam pra ir pra um objetivo em comum. (...) Para análise, traz implicações, não no sentido de perda, mas dá interpretações diferentes, imagino, talvez seja um pouco mais positivo para ver como as pessoas se colocam, sentam, as interações. (P1)

No rol das vantagens que esse dispositivo pode apresentar está a familiaridade com o espaço no qual a sessão ocorre, como demarcado por P4. O casal escolhe o local onde o atendimento será realizado, como o carro na rua ou na garagem, quarto do casal, sala de casa ou trabalho de um dos cônjuges e isso pode colaborar para uma minimização da sensação de impotência que o início da psicoterapia pode representar.

Ficam confortáveis mais rápido do que no presencial, demora menos tempo pra passar essa sensação de desconforto, estar diante de um estranho. Acho que porque eles também têm essa sensação ilusória da segurança, da distância e estarem em um contexto deles. (P4)

E as pessoas também mostram compromisso no on-line né, fazendo sessão no carro, fazendo sessão onde dá, do seu jeito. É... acho que a gente perdeu um pouco do contato, mas quando a gente forma um vínculo no on-line, a gente vê que ele é muito potente também. (P2)

O alcance de pessoas geograficamente distantes e de indivíduos inibidos ante ao fato de estarem presencialmente em frente ao analista foi algo demarcado pelos participantes da pesquisa, mas também assinalado pela literatura acerca das tecnologias de informação e comunicação no contexto terapêutico (Barbeiro & Reis, 2020; Ciongoli & Kerbauy, 2022).

Não conseguir olhar todos os gestos corporais das pessoas. Então se uma pessoa tá muito agitada, ou sei lá, chacoalhando o pé, a gente não enxerga né, a gente enxerga só o rosto da pessoa. Isso quando é possível ligar a câmera, porque em alguns casos a conexão tá tão ruim que fica tudo travado, a câmera não liga. (P5)

Rodrigues (2014), ao analisar a construção da aliança terapêutica nos atendimentos on-line, aponta para a perspectiva das pacientes atendidas. As avaliações das pacientes dialogam com as respostas dos estudantes entrevistados nessa pesquisa, quais sejam, a qualidade nos equipamentos eletrônicos de comunicação, problemas de conexão, praticidade e facilidade por não precisar se locomover para realizar a sessão.

Tem-se, no atendimento on-line, a mudança e adaptação em relação aos limites clássicos do setting terapêutico, exigindo maior protagonismo da própria família, visto que ela deve prover o setting terapêutico e as condições necessárias para a viabilização do atendimento (Silva et al., 2020). A organização do setting pela própria família implica em atravessamentos como a intrusão de outras pessoas (Borsca & Pomini, 2018) e gera preocupações em relação ao manejo desses terceiros por interferirem na evolução da sessão (Dias, 2020).

A gente perde como eles se sentem no setting da clínica, que é um setting montado, todo analisado ... Enfim, só que eu acho que a gente ganha, é, como que a pessoa faz o setting dela. Daí a gente entra num cenário que a gente não entraria no presencial, e a forma como ela organiza o setting dela é interessante também. (...) Mostra a identidade deles, a importância que eles dão pra terapia, ou não, o quanto que eles tão investidos nisso. (P2)

Conforme relatado, a mudança do setting e a entrada do terapeuta na residência dos casais permitiu novas interpretações e observações (organização, “clima”, decoração) em relação aos pacientes e à dinâmica estabelecida, auxiliando na compreensão do funcionamento psíquico familiar. A clínica on-line, ao ultrapassar os limites do consultório, possibilitou o acesso um dos ambientes mais íntimos e rotineiros dos casais, que se tornaram muito ricos para possíveis interpretações (Ciongoli & Kerbauy, 2022). A dinâmica existente a partir da tela e a construção do ambiente onde a sessão será realizada pelo casal são essenciais para análise e geram reflexões possíveis de serem assimiladas em conjunto com o conteúdo trazido à sessão (Silva & Sei, 2022).

Eu acho mais difícil de sustentar o espaço seguro do setting. (...) Às vezes dificulta pros pacientes entenderem que aquele é um espaço diferente, por estarem num espaço deles, que é tão deles, que às vezes eles têm dificuldade de entender que eles estão em outro lugar, ainda que estejam na casa deles. (P4)

Outros pontos apresentados pelos entrevistados dizem respeito aos atravessamentos gerados pelo enquadramento das telas, pelo manejo e pelo vínculo do casal. No atendimento presencial, pode-se posicionar as cadeiras permitindo interações visuais que as telas não permitem. Além disso, como ao se olhar para a câmera acaba por não se olhar para a tela e receber o olhar do outro, tem-se um impasse, sem se saber onde se deve olhar, como indicado por P1.

Eu sinto um pouco de dificuldade porque não dá pra saber se a pessoa sabe que eu to olhando pra ela. Porque como eu to olhando pra uma tela, eu acho, eu fico em dúvida se dá pra saber se eu to olhando pra você ou pra você sabe. (P1)

A privação do campo perceptivo do ambiente e do indivíduo configura-se como uma dificuldade por conta da perda da comunicação e de interações não verbais (Dias, 2020). P4 aborda justamente as dificuldades sentidas com esse recorte, sem poder contemplar os corpos

de forma mais integral. “Eles são obrigados a sentar bem perto um do outro pros dois aparecerem na tela, então eles tão sempre juntos mesmo quando claramente eles querem tá longe assim... Tem alguma coisa corpórea que se perde.” (P4)

Questão de posicionamento deles, de como eles se sentam, de como eles se olham, porque, não sei até a questão de ter uma câmera na frente faz com que eles fiquem olhando pra câmera, sendo que talvez eles poderiam olhar mais um pro outro se fosse outro contexto. (P4)

Em contrapartida, questões referentes ao manejo e distrações específicas do setting on-line servem como material de análise em determinadas situações (Silva & Sei, 2022). Compreende-se que elementos como instabilidade da internet, pessoas invadindo o atendimento, interrupções do cotidiano, podem ser inseridos na sessão e utilizados como associação livre para acessar o inconsciente (Hegenberg, 2022). “Eu acho que o on-line tem as especificidades dele, e ele acaba te dando dados que talvez você não teria com o presencial.” (P3)

Apesar dessas impossibilidades, as sessões on-line viabilizam o estabelecimento do vínculo entre o terapeuta e o paciente e, assim, preservam os princípios do atendimento (Ciongoli & Kerbaux, 2022). Magalhães et al. (2019) evidenciam que pacientes atendidos não-presencialmente se envolvem no processo psicoterápico da mesma forma como aqueles que são atendidos presencialmente, entendendo-se que a escuta clínica permanece viável nessa modalidade (Dias, 2020).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo objetivou investigar e discutir a perspectiva de discentes de graduação em Psicologia inseridos em um projeto de extensão acerca de aspectos que permeiam a formação em psicoterapia psicanalítica de casal. Observou-se a importância de outros aspectos para além da teoria que são essenciais na formação do psicoterapeuta de casal, como a análise pessoal, a prática em si e a supervisão, reafirmando aspectos já sinalizados pela literatura psicanalítica acerca da formação para o atendimento individual. Uma clínica bem desenvolvida deve se pautar tanto nos aparatos teóricos quanto técnicos, tendo em vista um contínuo processo de aprendizagem (Souza & Teixeira, 2004).

A partir das respostas dos entrevistados, reconhece-se a importância do projeto de extensão na formação clínica deles, considerando a complexidade envolvida na psicoterapia psicanalítica de casal (Ramos, 2006). A formação, neste contexto, envolve a análise pessoal para separar questões individuais com questões relativas ao atendimento, promove a ampliação da capacidade de desenvolver um raciocínio clínico, conta com uma prática supervisionada e com um aprofundamento teórico.

No que diz respeito à modalidade *on-line* - adotada pelos psicoterapeutas em questão devido à ausência de alternativas ocasionada pela pandemia - outros arranjos e manejos foram se configurando. Os entrevistados relataram algumas das várias implicações que essa modalidade trouxe para o atendimento de casal, tanto positivas quanto negativas, além de apontamentos sobre como conduzir sessões por meio das TDICs contribuiu para o engajamento do psicoterapeuta em sua psicoterapia pessoal.

O atendimento remoto possibilitou uma nova configuração do *setting* do casal, com sessões sendo realizadas em espaços inusitados como o carro da família, envolvendo determinadas especificidades, já que poderia se conciliar a participação na sessão de parceiros que estavam em locais diferentes, como quando o cônjuge ainda estava no local de trabalho e

o outro estava na casa do casal, que foram pontuadas com o intuito de promover algumas reflexões. Pensar a modalidade *on-line* em sua singularidade é essencial, já que ela se diferencia do atendimento presencial e tem sua efetividade dentro de sua especificidade (Hegenberg, 2022).

Elenca-se, como limites do estudo, o fato de contar com um número pequeno de participantes, vinculados a um projeto de extensão específico. Com isso, entende-se que investigações semelhantes possam ser conduzidas com um público advindo de ações similares vinculadas a outras instituições de ensino superior, ampliando a compreensão acerca do processo de formação para a psicoterapia psicanalítica de casal.

## REFERÊNCIAS

- Abdalla, I. G., Batista, S. H., & Batista, N. A. (2008). Desafios do ensino de psicologia clínica em cursos de psicologia. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 28(4), 806-819. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932008000400012>
- Aguirre, A. M. B. (2000). A primeira experiência clínica do aluno: ansiedades e fantasias presentes no atendimento e na supervisão. *Psicologia: Teoria e Prática*, 2(1), 3-31. <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/ptp/article/view/1116>
- Almeida, M. C. D. S., Franco, R. S., Sei, M. B., & Zanetti, S. A. S. (2016). A formação do psicólogo clínico: considerações a partir de um projeto de extensão com famílias. *Revista Sul Americana de Psicologia*, 4(2), 273-297. <http://www.revista.unisal.br/am/index.php/psico/article/view/77/119>
- Barbeiro, F. S., & Reis, M. E. B. T. (2020). Tecnologias de informação e comunicação na clínica psicanalítica contemporânea: revisão de literatura. *Ayvu: Revista de Psicologia*, 7. <https://periodicos.uff.br/ayvu/article/view/40164>
- Berenstein, I., & Puget, J. (1993). *Psicanálise do casal*. Artes Médicas.
- Borcsa, M., & Pomini, V. (2018). Couple and family therapy in the digital era. In J.L. Lebow, A. L. Chambers, & D. C. Breunlin (Orgs.), *Encyclopedia of couple and family therapy*. Springer. [https://doi.org/10.1007/978-3-319-49425-8\\_1069](https://doi.org/10.1007/978-3-319-49425-8_1069)
- Campos, C. J. G. (2004). Método de análise de conteúdo: Ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 57(5), 611-4. <https://doi.org/10.1590/S0034-71672004000500019>
- Ciongoli, A., & Kerbaux, R. (2022). A clínica psicanalítica *on-line* com casais e famílias: Dilemas e construções na clínica institucional. In: A. Ciongoli, & R. Kerbaux (Orgs.), *Conexões intersubjetivas: Vínculos virtuais na clínica psicanalítica com casais e famílias* (pp. 145-154). Zagodoni.
- Conselho Federal de Psicologia (2020). Práticas e estágios remotos em psicologia no contexto da pandemia da covid-19: Recomendações. CFP. [https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2020/08/Caderno-de-orientações-formação-e-estágios\\_FINAL2\\_com\\_ISBN\\_FC.pdf](https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2020/08/Caderno-de-orientações-formação-e-estágios_FINAL2_com_ISBN_FC.pdf)
- Cordeiro, S. N., Reis, M. E. B. T., Sei, M. B., & Zanetti, S. A. S. (2021). O ensino da psicanálise na graduação em psicologia: Percepção de professores sobre a transmissão. *Argumentos Pró-Educação*, 6, 1-19. <https://doi.org/10.24280/10.24280/ape.v6.e575>
- Correa, O. R. (1992). Aspectos da transferência e contratransferência na abordagem psicanalítica do grupo familiar e casal. In M. Ramos (org.), *Terapia de casal e família: O lugar do terapeuta* (pp. 61-72). Brasiliense.
- Correa, O. B. R. (2000). *O legado familiar: A tecelagem grupal da transmissão psíquica*. Contra Capa Livraria.
- Dias, M. L. (2020). Psicoterapia *on-line* para crianças: Alcances e limites. In A. K. C. Nascimento, & M. B. Sei (Orgs.), *Intervenções psicológicas on-line: Reflexões e retrato*

- de ações (pp. 49-67). Clínica Psicológica da UEL.  
<http://www.uel.br/clinicapsicologica/pages/arquivos/Livro%20-%20Intervencoes%20psicologicas%20on-line%20-%20reflexoes%20e%20retrato%20de%20acoes%20on-line.pdf>
- Dominicis, G. M., & Bertilotti, M. B. (2022). Considerações sobre a prática da supervisão *on-line* em psicanálise de casal e família no contexto da pandemia de Covid-19. In A. Ciongoli, & R. Kerbaux (Orgs.), *Conexões intersubjetivas: Vínculos virtuais na clínica psicanalítica com casais e famílias* (pp. 97-106). Zagodoni.
- Faleiros, E. A. (2004). Aprendendo a ser psicoterapeuta. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 24(1), 14-27. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932004000100003>.
- Ferraz, F. C. (2014). Transmissão e formação: apontamentos sobre o tripé analítico. *Jornal de Psicanálise*, 47(86), 87-102.  
[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-58352014000100010&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352014000100010&lng=pt&tlng=pt).
- Fontanella, B. J. B., Ricas, J. & Turato, E. R. (2008). Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: Contribuições teóricas. *Cadernos de Saúde Pública*, 24(1), 17-27. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2008000100003>
- Freud, S. (1996). Recomendações aos Médicos que Exercem a Psicanálise. In S. Freud. *Obras Psicológicas Completas: O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos* (Volume 12, pp. 121-133). Imago. (Original publicado em 1912).
- Freud, S. (2010). Deve-se ensinar a psicanálise nas universidades? In S. Freud. *História de uma neurose infantil: ("O homem dos lobos")*: Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920) (pp. 377-381. Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1919).
- Gomes, I. C. (2009). A formação clínica do estagiário de psicologia em atendimento a casais e famílias na abordagem psicanalítica. In T. Féres-Carneiro (Org.), *Família e casal: Efeitos da contemporaneidade* (pp. 304-316). Editora PUC-Rio.
- Hegenberg, M. (2022). A psicoterapia psicanalítica de casal: o que muda com o vídeo? In A. Ciongoli, & R. Kerbaux (Orgs.), *Conexões intersubjetivas: Vínculos virtuais na clínica psicanalítica com casais e famílias* (pp. 97-106). Zagodoni.
- Jorge, M. A. C. (2017). *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan – v.3: a prática analítica*. Jorge Zahar.
- Machado, R. G., Sei, M. B., & Zanetti, S. A. S. (2016). Primeira experiência clínica em psicoterapia de casal e família: Relatos de estudantes. *Argumentos Pró-Educação* 1(1), 150-168. <https://doi.org/10.24280/ape.v1i1.43>.
- Magalhães L. T., Bazoni A. C., & Pereira F. N. (2019). Impressões de psicólogos clínicos acerca da orientação psicológica *online*. *Revista Brasileira de Psicoterapia*, 21(1), 39-51. [http://rbp.celg.org.br/detalhe\\_artigo.asp?id=296](http://rbp.celg.org.br/detalhe_artigo.asp?id=296).
- Pinhatti, M. M., (2013). *Terapia pela internet: Limites e possibilidades na percepção de psicoterapeutas*. Trabalho de Conclusão de Curso. Departamento de Psicologia do Desenvolvimento e da Personalidade, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Pinto, E. R. (2002). As modalidades do atendimento psicológico on-line. *Temas em Psicologia*, 10(2), 168-177. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X2002000200007&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2002000200007&lng=pt&tlng=pt).
- Ramos, M. (2006). *Introdução à terapia familiar*. Claridade.
- Resolução nº 11, de 11 de maio de 2018 (2018, 11 de maio). Regulamenta a prestação de serviços psicológicos realizados por meios de tecnologias da informação e da comunicação e revoga a Resolução CFP N.º 11/2012. Conselho Federal de Psicologia. <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2018/05/RESOLUÇÃO-Nº-11-DE-11-DE-MAIO-DE-2018.pdf>

- Resolução nº 4, de 26 de março de 2020. (2020, 26 de março). Dispõe sobre regulamentação de serviços psicológicos prestados por meio de Tecnologia da Informação e da Comunicação durante a pandemia do COVID-19. Conselho Federal de Psicologia. <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/resolucao-n-4-de-26-de-marco-de-2020-250189333>
- Rodrigues, C. G. (2014). *Aliança terapêutica na psicoterapia breve online*. [Dissertação de Mestrado], Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília.
- Sei, M. B. (2017). O atendimento a casal e a família em um serviço-escola de Psicologia. In M. B. Sei, & I. C. Gomes (Orgs.), *Formação, pesquisa e a clínica psicanalítica de casais e famílias* (pp. 35-53). Universidade Estadual de Londrina. [http://www.uel.br/clinicapsicologica/pages/arquivos/Livro%20-%20Formacao%20pesquisa%20e%20a%20clinica%20psicanalitica%20de%20casais%20e%20familias%20\(1\).pdf](http://www.uel.br/clinicapsicologica/pages/arquivos/Livro%20-%20Formacao%20pesquisa%20e%20a%20clinica%20psicanalitica%20de%20casais%20e%20familias%20(1).pdf)
- Sei, M. B., & Paiva, M. L. S. C. (2011). Grupo de supervisão em Psicologia e a função de holding do supervisor. *Psicologia Ensino & Formação*, 2(1), 9-20. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2177-20612011000100002&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-20612011000100002&lng=pt&tlng=pt).
- Sei, M. B., & Zanetti, S. A. S. (2014). O projeto de extensão enquanto estratégia na formação em psicologia: Uma experiência no atendimento à família. *Espaço para a Saúde*, 15, 118-124.
- Silva, A. C. & Sei, M. B. (2022). O casal perante a tela: Construções e manejo de setting analítico on-line. In A. Ciongoli, & R. Kerbauy (Orgs.), *Conexões intersubjetivas: Vínculos virtuais na clínica psicanalítica com casais e famílias* (pp. 97-106). Zagodoni Editora.
- Silva, I. M., Schmidt, B., Lordello, S. R., Noal, D. S., Crepaldi, M. A., & Wagner, A. (2020). As relações familiares diante da COVID-19: Recursos, riscos e implicações para a prática da terapia de casal e família. *Pensando Famílias*, 24(1), 12-28. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-494X2020000100003&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2020000100003&lng=pt&tlng=pt).
- Souza, M. M., & Teixeira, R. P. (2004). O que é ser um “bom” psicoterapeuta?. *Aletheia*, (20), 45-54. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-03942004000200006&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942004000200006&lng=pt&tlng=pt).
- Tanis, B. (2018). A formação psicanalítica: Especificidade e transformações. *Jornal de Psicanálise*, 51(95), 29-41. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-58352018000200004&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352018000200004&lng=pt&tlng=pt).
- Turato, E. R. (2005). Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: Definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. *Revista de Saúde Pública*, 39(3), 507-514. <https://doi.org/10.1590/S0034-89102005000300025>.
- Zanetti, S. A. S., & Gomes, I. C. (2016). Grupo terapêutico de mediação e a formação clínica em casais e famílias. *Psicologia Clínica*, 28(3), 53-72. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-56652016000300004&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652016000300004&lng=pt&tlng=pt).

Submetido: 10/12/2022  
Reformulado: 30/01/2023  
Aprovado: 01/02/2023

**Sobre as autoras:**

**Eloísa Carlucci Gouveia** é graduanda em Psicologia da Universidade Estadual de Londrina. Foi bolsista de Iniciação Científica – CNPq. É bolsista de Iniciação Extensionista – UEL.

**Maíra Bonafé Sei** é Professora Associada do Departamento de Psicologia e Psicanálise da Universidade Estadual de Londrina.

**Correspondência:** mairabonafe@gmail.com